

Tinha um orelhão no meio do caminho

Alisson Azevedo

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

Cresci à sombra dos orelhões. Até a metade da década de 90, telefone em casa era um privilégio da porção mais rica da classe média, e como minha família vivia subindo e descendo na escala social, aquele luxo obedecia a essa gangorra.

Antes de aprender a andar sozinho com a bengala, eu frequentava os orelhões sempre acompanhado e não tinha noção do perigo que eles representavam para os cegos. Mas já nas minhas primeiras aulas de orientação espacial nas ruas, fui alertado de que aqueles eram obstáculos aéreos, que não podiam ser detectados pela bengala:

ela batia no poste de sustentação, e a cabeça – a minha, no caso – ia direto de encontro ao orelhão pendente.

Por volta dos vinte e poucos anos eu era um cego com soberba. Minha mobilidade não era das melhores: havia outros colegas cegos que usavam a bengala com muito mais habilidade e agilidade do que eu. Menos soberbos, contudo, esses colegas procuravam marcar os obstáculos, demarcar o percurso, mapear o roteiro do dia a dia. Essas precauções não garantiam a eles uma caminhada sem barreiras, mas os ajudavam a desviar de um buraco aqui, de uma árvore ali, de uma lixeira acolá.

E principalmente – mas nem sempre – essas precauções os ajudavam a desviar dos orelhões.

Era preciso tentar rastrear a posição de cada orelhão no meio do caminho, pois aquele era o pior obstáculo para uma cabeça sem visão.

Tecnicamente correto seria que pouco antes de cada orelhão houvesse um piso de alerta – aquelas bolinhas táteis que agora são muito comuns próximas às escadas ou às faixas de pedestre. Mas no início deste século, era cada cego por si e Deus não sabia.

E eu, soberbo e distraído, sabia menos ainda. Não marcava os obstáculos, não demarcava os trajetos, enfim, não mapeava roteiro algum.

Quem não enxerga e anda sozinho pelos mesmos lugares precisa aprender que numa esquina tem uma farmácia

– o cheiro é inconfundível –, mais à frente tem uma árvore – cujo tronco pode ser identificado pela bengala e nunca muda de posição –, e logo adiante funciona um estacionamento – o barulho do entra e sai dos carros é uma pista quase infalível.

Eu, embora circulasse habitualmente mais ou menos pelos mesmos espaços, era como se andasse neles sempre pela primeira vez.

Todo dia eu tinha que descobrir a farmácia da esquina, a árvore logo à frente ou o estacionamento mais adiante.

O problema eram os orelhões, aqueles obstáculos aéreos que a bengala, sempre rente ao chão, teimava em não detectar.

No trajeto entre o ponto de ônibus e o meu trabalho de então, a biblioteca braile de Goiânia, tinha um orelhão no meio do caminho.

No início dos anos 2000 o piso tátil de alerta era uma tecnologia do futuro, mas antes daquele orelhão tinha uma leve e acidental marcação no chão que poderia evitar o pior, se eu prestasse atenção nos detalhes.

Mas naquela época eu não sabia que é neles que Deus e o diabo moram...

Não dava outra: dia sim outro também eu batia a cabeça naquele orelhão. Para um cego, bater a cabeça num orelhão é diferente de enfiar o pé num buraco, tropeçar num pequeno degrau ou tomar uma joelhada num carro mal estacionado na calçada.

O orelhão tem para nós um quê de monstruoso, por imprevisto e inevitável. Por isso aquele orelhão,

bem na altura da minha testa, era o meu Minotauro particular. Era o retorno, agora concreto, dos pesadelos da minha infância:

luta com lobos, ida pro inferno, perda da voz numa situação de perigo.

Outro sentimento ao bater a cabeça num orelhão é o de indignidade. Afinal, toda cabeçada é sempre indigna, principalmente se houver testemunhas. E no meu caso, sempre havia; e pior, sempre a mesma.

Enquanto eu caminhava rumo ao trabalho, com a cabeça prestes a bater naquele orelhão implacável, ia sempre uma elegante mulher à minha frente. Que era uma mulher eu suspeitava pelo barulho do salto e pelo indefectível perfume; que era elegante eu sabia pelo balanço dos passos: seguros, ligeiros, sem qualquer possibilidade de retorno.

Todo dia aquela mulher, mal eu acabava de dar minha rotineira e infame cabeçada, olhava pra trás e me perguntava, num tom de quem não queria realmente saber: “Está tudo bem?”

Aquele era o subsolo da minha dignidade. Ela podia ter me avisado do orelhão; ela podia ter seguido em frente (e em silêncio) após minha queda – ou melhor, cabeçada; mas não. Ela tinha o sadismo e a frieza de me perguntar, um dia atrás do outro e sempre no minuto depois: “Está tudo bem?”

Passados uns 20 anos, ainda trago na cabeça aquele duro orelhão e aquela mulher perversa.



Na verdade, hora ou outra eles me aparecem, se repetindo para mim como num eterno retorno.

Mas, se dei lá minhas cabeçadas, Eu que aprenda a não me repetir.

Para evitar o orelhão, tive que aprender a mapear o roteiro do dia a dia, marcar as diferenças de piso, demarcar os obstáculos – inclusive os aéreos. O ideal é que haja piso tátil nas calçadas: direcional para as pistas livres, e de alerta antes de obstáculos aéreos, escadas e faixas de pedestre. Mas pra quem faz o mesmo percurso diariamente o orelhão não sai do lugar: permanece ali, imóvel, pronto a ser duramente cabeceado.

O que me restou foi aprender a contorná-lo, evitando me jogar de cabeça de encontro a ele.

Como em tudo na vida, não há garantia, mas a precaução ajuda.

Felizmente, com a quase universalização dos telefones celulares, os orelhões estão sumindo do mapa.

Já o caso daquela mulher perversa é um pouco mais complicado. Ela tinha em relação a mim uma cruel indiferença: o reverso da moeda da pena que sempre rondou e ainda ronda os cegos – e as pessoas com deficiência de modo geral.

Para aquela mulher, no momento anterior àquela cabeçada, era como se eu não existisse, como se não houvesse uma pessoa em situação vulnerável diante de uma barreira intransponível e arriscada.

Sua invariável pergunta: “Está tudo bem?” depois de cada trombada minha no orelhão era protocolar, burocrática.

Não levava em conta o outro, um mero acidente na paisagem.

A indiferença em relação às pessoas com deficiência é a síntese da negação a elas de empatia, de oportunidades, de direitos.

Por essa chave o outro – o outro corpo diferente – não é visto, não é lembrado, e tanto faz que dê lá suas cabeçadas num orelhão qualquer. Na vida tive e ainda tenho que aprender a lidar com muitos orelhões simbólicos.

Desviei de alguns, outros ainda hoje preciso contornar, mas de vez em quando ainda dou minhas cabeçadas, visíveis ou não.

Já a cruel indiferença daquela mulher que caminhava à minha frente,

sem me avisar do orelhão antes de cada cabeçada, ainda está muito presente.

As barreiras de atitude enfrentadas pelas pessoas com deficiência – novo nome para o velho preconceito – não se restringem à pena.

O preconceito se mostra, aliás de maneira muito mais sofisticada, na indiferença que nos invisibiliza, tanto na esfera íntima quanto institucional. Mesmo em ambientes de valorização de minorias, um silencioso “etcetera” atravessa nossa existência.

Por isso, as barreiras que enfrentamos não passam, na maior parte das vezes, de cabeçadas invisíveis.

A maioria das pessoas sabe tão pouco sobre essas barreiras quanto aquela mulher sabia o que aquele orelhão era para mim: um instrumento de dor física e moral, de vergonha, de indignidade.

As barreiras são um pouco disso tudo para quem as enfrenta, além de restringir sua participação em todos os ambientes da sociedade.

Da igreja ao boteco, da maternidade ao cemitério, do SUS ao cinema, da academia de ginástica à universidade – é preciso mapear o roteiro das muitas barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência, sobretudo as mais pobres.

**Só esse mapeamento das barreiras é capaz de reduzi-las,
tornando os ambientes mais adequados aos corpos e às mentes diferentes.**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.